

Apresentação

Desinformação, *fake news* e discursos de ódio em perspectiva dialógica

Karina Giacomelli¹

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Adail Sobral²

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil

Para abordar a candente questão das relações entre desinformação, *fake news* e discursos de ódio da perspectiva dialógica, e/ou em diálogo com ela, organizamos este número da *Revista Linguagem & Ensino*, que reúne textos de variados pontos de vista e tópicos. Os três elementos mencionados, a saber, **desinformação**, ***fake news*** e **discursos de ódio**, estão imbricados desde o começo da implantação do chamado “sistema de desinformação”, por volta de 2015, algo que vai bem além da repostagem por “tios ou tias do zap” de notícias falsas ou falseadas, mas demonstra um esforço político e midiático sistemático de imposição de uma dada versão dos fatos a fim produzir vantagens políticas, econômicas etc.

A palavra “desinformação” até recentemente indicava *privação de informação*, *estar não-informada ou informado*. O prefixo “des-” negava a “posse” de informação. Mas essa situação mudou radicalmente. Desinformar tornou-se “mal informar”, distorcer a informação. Não se trata, portanto, de não dispor de informação, mas de estar sob o bombardeio de notícias falseadas, notícias com aparência de verdade.

No Brasil, como mostram vários estudos, cursos, lives e projetos acadêmicos, a desinformação se estruturou em um sistema insistente, contínuo, dotado de variados recursos financeiros, discursivos e midiáticos, que atende a objetivos específicos, alguns dos quais alcançados em eleições. Não nos referimos a manifestações espontâneas de pessoas em redes sociais, cabe repetir, mas a um movimento organizado que na verdade alimenta os “tios do zap”, e os torna instrumentos de seus interesses escusos. Os mecanismos desse sistema de desinformação são cuidadosamente estruturados para nos manter presos a uma dada versão dos fatos, impedindo-nos de obter informações confiáveis, de fontes fidedignas.

¹ Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2883-8641>. E-mail: karina.giacomelli@gmail.com.

² Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5532-5564>. E-mail: adail.sobral@gmail.com.

Temos verificado que, para além *das fake news*, notícias totalmente falsas, criam-se sistematicamente notícias falseadas, nas quais uma aparência de verdade serve a distorções dos fatos, uma espécie de versão moderna das “meias verdades”, porém bem mais virulentas, inclusive porque viralizadas, ou hiperdisseminadas no tecido social, a ponto de nos lembrar do programa de desinformação implementado por Goebbels na época nazista.

Este número reúne 5 artigos que cobrem uma ampla gama de tópicos e abordagens: a relação entre *fake News*, sistema de difamação e crime político; o vínculo entre realidade virtual e ocorrências de eventos e representações no mundo real, e a responsabilidade do pesquisador de linguagem, de mídia etc.; outro chamado do pesquisador à responsabilidade diante de narrativas negadoras de fatos em clima de “pós-verdade”; uma proposta de uso da literatura como recurso para a sensibilização de crianças para as nefastas consequências das *fake news*; e uma análise preliminar de como as *fake news*, os falseamentos e outros artifícios criam uma polarização que leva pessoas a se recusarem a assumir uma postura proativa e solidária diante de uma pandemia que tirou a vida de milhares de pessoas.

O artigo *Um Olhar sobre as Fake News e o Enredo da Difamação de Marielle Franco*, de Andréa Moreira G. de Albuquerque, Evangelina Maria Brito de Faria e Niege Guedes, traz um levantamento do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic-UFES) de “enunciados deflagradores da difamação de Marielle Franco (PSOL-RJ)” que “continuam acessíveis, multiplicáveis e constituem um enredo difamatório, mais de quatro anos depois da execução da vereadora.”

Discursos antagônicos na mídia digital: por uma postura ativa na pesquisa, escrito por Rita Maria Diniz Zozzoli, discute “o papel do/a pesquisador/a ativo nas práticas sociais a partir da noção de sujeito responsivo e responsável, sem alibi no seu existir” e “examina discursos antagônicos na mídia digital, defendendo a interrelação desses discursos que se disseminam sem as barreiras de contextos, vetores, gêneros, espaços e tempos diversos e sem limites entre os discursos de rede e os que se encontram fora dela.”

Naomi Orton, em *Narrativas alternativas em tempos de “pós-verdade”: a prática de pesquisa enquanto atividade dialógica*, aborda “as repercussões dos discursos da “pós-verdade” para os fundamentos epistemológicos da pesquisa discursiva chamada “pós-moderna”, especialmente na área de Análise de Narrativa contemporânea”.

A partir de uma abordagem dialógica, o artigo contempla a possibilidade de as narrativas em confronto “extrapolarem fronteiras convencionais — tanto aquelas entre diferentes campos de saber, quanto aquelas entre a academia e a sociedade mais ampla — no intuito de acarretar a transformação social”.

Priscila de Araújo Souza da Conceição, Emanuelle Fernanda de Paula Borges e Josivaldo Custódio da Silva são os autores de *O conto maravilhoso como proposta de leitura do texto literário e de sensibilização sobre as consequências das Fake News* discute “a importância da literatura, por meio do maravilhoso conto “As Notícias e o mel”, de Marina Colasanti (2006), para conscientizar alunos do 7º ano sobre *fake news*” e propõe “uma atividade prática aplicável, na qual fica evidente o tema da não aceitação e manipulação da verdade”.

Répliques à Pandemia: Reflexões Dialógicas, de Adail Sobral e Karina Giacomelli, parte da tese bakhtiniana de que o sujeito é individual e social ao mesmo tempo e que pode tanto seguir os ditames de uma coletividade restrita, em sua própria versão, como assumir uma atitude empática diante da coletividade humana mais ampla. O trabalho explora essa questão mediante a consideração de duas atitudes de sujeitos diante da pandemia, uma que se aproxima da assunção da responsabilidade por si e pelos outros e outra que recusa essa dimensão do ser humano e abraça o negacionismo ou soluções irreais.

Esperamos que as leitoras e leitores não apenas desfrutem da leitura como atendam ao chamado que faz este número da *Revista Linguagem & Ensino* à assunção de responsabilidade, como pesquisadores e cidadãos, pelo combate à desinformação e pela defesa da democracia.